

DE NATURA ANIMAE: UMA ANÁLISE RETÓRICA DA ALMA NAS TUSCULANAS DE CÍCERO

Paulo Marcio Feitosa de Sousa¹

Resumo: O presente artigo se propõe a fazer uma apresentação introdutória das *Tusculanae Disputationes* de Marco Túlio Cícero sob a ótica retórica, destacando sua abordagem sobre a alma no livro 1 – esse grande mestre da oratória romana combina os elementos tradicionais da retórica de modo eficaz, se destacando como um dos mais bem-sucedidos e influentes escritores de todos os tempos. Analisaremos, inicialmente, a obra completa com o estilo discursivo; atentando à disposição da obra no *corpus* literário do autor, perguntando sobre as *dramatis personae*, suas respectivas atuações, e as palavras escolhidas por Cícero ao retratar seu projeto nas Tusculanas. Após, iremos transpor esta análise – *inventio, dispositio, elocutio* – para alguns fragmentos do livro 1 tentando encontrar indícios da posição do orador sobre a alma.

Palavras-chaves: Alma humana, Discussões Tusculanas, Filosofia romana, Cícero, retórica.

DE NATURA ANIMAE: A RHETORICAL READING OF THE SOUL IN CÍCERO'S TUSCULAN DISPUTATIONS

Abstract: This paper offers an introductory presentation of Marcus Tullius Cicero's *Tusculanae Disputationes* from a rhetorical perspective, highlighting his approach to the soul in book 1 - this great master of Roman oratory effectively combines the traditional elements of rhetoric and stands out as one of the most successful and influential writers of all time. We will analyze, firstly, the whole work focusing on the discursive style paying attention to the disposition of this work in the author's literary *corpus*, asking about the *dramatis personae*, their respective roles and Cicero's vocabulary when portraying his project in the Tusculans. Afterwards, we will transpose this analysis - *inventio, dispositio, elocutio* - to some fragments of book 1 in search of some clues of the orator's position on the soul.

Keywords: Soul, Tusculan Disputations, Roman Philosophy, Cicero, rhetoric.

“Nam qui id quod viteri non potest metuit, is vivere animo quieto nullo modo potest”²
(Cic. *Tusc.* 2.2)

Os discursos de Cícero fornecem um material valioso para o estudo da República Tardia romana. Suas obras de caráter multifacetado – os discursos que proferiu na carreira forense, principalmente de defesa;³ seus discursos de cunho político e até seu vasto conjunto de tratados filosóficos – forneceram a seus contemporâneos e a nós, estudiosos de diversas áreas, um modelo eficaz e brilhante de oratória. Cícero insistia no ideal de

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Tema de pesquisa atual: *De Natura Animae: Sobre a Natureza da Alma nas Tusculanas de Cícero*, bolsista CAPES sob a orientação da Prof. Dra. Claudia Beltrão. E-mail: paulinho_marcio@hotmail.com.

² Trad.: Quem receou o que não pode ser evitado, não pode de modo algum viver com o espírito tranquilo. (BASSETTO, 2014)

³ Apesar de Cícero ter atuado, na maioria dos casos que chegou até nós, como advogado de defesa, como *Pro Quinctio* e *Pro Roscio Amerino*, era comum aos jovens da época que buscavam ascensão política realizar um julgamento acusando uma figura importante em uma causa nobre. (MAY, 2002, p. 6)

orador capaz de dialogar com a retórica e a filosofia, indo além dos regulamentos manuais. Um nome sinônimo de eloquência e destacado como um dos mais bem-sucedidos oradores e retóricos de seu tempo, como aponta Quintiliano, ao dizer:

Quare non inmerito ab hominibus artatis suae regnare in iudiciis dictus est, apud posteros vero id consecutus ut Cicero iam non hominis nomen sed eloquentiae habeatur. Hunc igitur spectemus, hoc propositum nobis sit exemplum, ille se profecisse sciat cui Cicero valde placebit. (Quint. Inst. 10.1.112)

Portanto, não foi sem razão que seus companheiros falaram de sua soberania, e que para a posteridade o nome de Cícero passou a ser considerado não como o nome de um homem, mas como o nome de eloquência em si. Portanto, vamos fixar nossos olhos nele, tomá-lo como nosso padrão e permitir que o estudante perceba que ele fez um progresso real se ele é um admirador apaixonado de Cícero. (Tradução minha)

A oratória e a retórica eram ferramentas importantes para qualquer um que almejasse ascender na vida pública. O próprio discurso forense, além de provar a culpa ou a inocência, era uma forma de expor suas alianças ao escolher quem defender ou acusar, demonstrando seu potencial político (STEEL, 2001, p. 15). É fácil compreender a motivação de Cícero ao publicar seus casos que obtiveram maior destaque – na maioria sendo vitorioso em sua empreitada. Sua vitória como retórico e orador também era uma vitória política, e a divulgação desses discursos edificava sua figura pública e garantia popularidade.

Para Cícero, mais que a grande maioria dos romanos, a oratória e a retórica foram essenciais. Como um *homo novus*⁴, adentrar no *cursus honorum* e alcançar o consulado foi uma conquista para poucos. A educação que recebeu desde menino foi fundamental. Cícero nasceu em Arpino e relata que foi para Roma ainda muito jovem – com aproximadamente 10 anos de idade – junto de seu irmão, Quinto, onde interagiu e aprendeu a oratória com grandes nomes da época como: o grande orador e estadista Lúcio Licínio Crasso, que teria recebido a Cícero e seu irmão em sua casa e influenciado muito

⁴ Em latim, estes forasteiros ou novatos eram designados através do termo *homo novus*, literalmente “homem novo”. Não era um conceito estabelecido juridicamente, mas dependia do reconhecimento social, razão pela qual sua interpretação resulta do contexto em que é utilizado. Os autores latinos não apontam uma definição unívoca, mas dois autores gregos oferecem abordagens ao seu significado. Plutarco descreve os *homines novi* como “aqueles que não descendiam de uma família ilustre, mas começaram a se dar a conhecer”. Apiano, por sua vez, afirma que se denominava assim “aos que alcançavam uma distinção por seus próprios méritos e não por seus antepassados”. Se tratava, por conseguinte, de pessoas que partiam de uma posição de inferioridade em sua carreira política, para qual não dispunham de prestígio e das clientelas das grandes famílias, herdadas de geração em geração. Frente a elas, o *homo novus* só contava com seus próprios méritos, com sua capacidade pessoal (Virtus). (PINA POLO, 1999, p. 59)

na sua educação; Marco Antônio, outro grande orador; e Lucio Élio Estilo, professor estoico de gramática e retórica (Cic. *De Or.* 2.1-9).

Seus conhecimentos sobre retórica vieram de professores gregos, e apesar de as escolas de retórica latina estarem se tornando moda naquele período, Cícero seguiu seu aprendizado em grego. Anthony Corbeill nos diz que duas são as razões para essa decisão:

“primeira, a língua grega fornece maior oportunidade para ornamentação estilística e segunda, mais significativa, os melhores instrutores disponíveis eram gregos que não sabiam o latim suficiente para ser capaz de oferecer recomendações e correções”. (CORBEILL, (2002, p. 29)

A filosofia grega também influenciou fortemente a vida do orador. Ouviu o estoico Diódoto (Cic. *Acad.* 2.115; *Tusc.* 5.113); foi introduzido a escola de Epicuro através dos ensinamentos de Fedro; e a Academia de Philo de Larissa, quando o filósofo esteve em Roma. Seus tratados filosóficos indicam uma proximidade maior ao ceticismo acadêmico, como pode ser observado a partir do método, na linha de Philo e de Carnéades, que permite avaliar diferentes opiniões mantendo um certo distanciamento delas, inclusive daquelas que possam ser temporariamente endossadas por serem verossímeis,⁵ sem que o autor necessariamente acredite nelas. A Nova Academia valoriza a argumentação lógica rigorosa e a retórica, explorando o grande potencial da linguagem verbal. Contudo, uma dificuldade reside em sua técnica dialética que se desenvolve em torno de ambiguidades, criando situações paradoxais, e mesmo aporias, o que desafia os estudiosos modernos e muitas vezes deriva em incompreensões.

Em dois momentos que se viu afastado da arena pública, Cícero compôs, em poucos anos, um grande volume de tratados retóricos e diálogos filosóficos. Estes foram produzidos em dois momentos marcantes na história romana: pouco depois da formação do primeiro triunvirato, escrevendo *De Oratore* (Ideal de Orador), *De Legibus* (Sobre as Leis), *De Republica*, (Sobre a República); e durante a ditadura de César, com *De Natura Deorum* (Sobre a Natureza dos Deuses), *Academica*, *De divinatione* (Sobre a Divinação), *De Amicitia* (Sobre a amizade), *De senectute* (Sobre a velhice), *Tusculanae Disputationes* (Discussões Tusculanas) *et al.* Proponho analisar a última obra citada no presente artigo.

⁵ *Cum Academicis incerta luctatio est, quii nihil adfirmant et quase desperata cognitione certi id sequi uolant quodcumque ueri simile uideatur.* (Cic. *Fin.*2.43) De fato, é incerta a luta com os acadêmicos, que nada afirmam e, como que certos de um conhecimento sem perspectivas, desejam seguir o que quer que pareça verossimilhante (trad.: de BASSETTO, 2018)

A obra, simultaneamente teológica, filosófica e política, é composta de cinco livros, representando cinco dias nos quais o autor teria se reunido com amigos e familiares em Tusculum. Ela faz parte de um conjunto de obras filosóficas pensadas para se compreender as instituições e bases da República romana, questionar os rumos que a *res publica* estava tomando durante, e mesmo após, a ditadura de César, quando Cícero buscou instruir aqueles que poderiam vir a herdar o governo da República e do *mos maiorum*, criando uma *filosofia latina*.⁶ O próprio autor destaca a importância desse conjunto de obras, dizendo:

Quaerenti mihi multumque et diu cogitanti quam re possem prodesse quam plurimis, ne quando intermitterem consulere rei publicae, nulla maior occurrebat qual si optimarum artium vias traderem meos civibus; quod compluribus iam libris me arbitror consecutum. [...] Totidem subsecuti libri Tusculanarum disputationum res ad beate vivendum maxime necessarias aperuerunt. (Cic. Div. 2.1)

Indagando e pensando por muito tempo sobre como eu poderia ser útil a um maior número de pessoas possível, para não deixar de me preocupar, jamais, com a República, nada melhor me ocorria do que transmitir aos meus concidadãos os caminhos das nobres artes, o que penso que já consegui em numerosos livros. (...) os livros das *Tusculanas*, mostraram os requisitos mais necessários à vida feliz. (GRATTI, 2010, p. 102.)

Aqui analisaremos passagens do primeiro livro, nas quais Cícero expõe e debate diversas opiniões da esfera civil, jurídica, filosófica e religiosa sobre a morte e a imortalidade da alma. Mas, antes de iniciar nossas observações, acredito ser importante fazer uma pergunta e esclarecer: O que é a morte? Apesar das diferentes compreensões filosófico-religiosas, creio que todos aceitamos que ela, a morte, traz a finitude da matéria orgânica. Alguns estudos apontam que mesmo outros animais possuem alguma consciência da morte. (ANDERSON, J.; GILLIES, A.; LOCK, L.C., 2010) Entretanto, o ser humano seria o único a ter consciência plena da morte e, assim, buscaria meios de lidar com a finitude (KELLEHEAR, 2016). Assim, de modos diferentes em cada cultura, racionalizamos, ritualizamos e institucionalizamos a morte.

⁶ Julguei minha obrigação aclarar isso em latim, não porque não pudesse compreender a filosofia tanto pela língua grega como por seus mestres, mas porque meu pensamento sempre foi de que os nossos ou teriam descoberto tudo por si mesmos com mais sabedoria do que os gregos ou melhorado o que deles receberam (Cic. *Tusc.*, 1.1. Trad.: Bassetto, 2014).

Durante a República tardia romana, a morte era polissêmica. As taxas de mortalidade eram altas devido as guerras, doenças⁷, fome. Vivia-se entre o repúdio aos cadáveres e o amor aos mortos. Os corpos eram poluentes, tanto em seu aspecto físico quanto religioso. Contudo, os cemitérios seguiam as estradas, cumprimentando e proporcionando despedidas àqueles que chegavam e deixavam as cidades⁸. Os mortos, por tradição ou crença, eram respeitados. No calendário religioso romano, havia rituais funerários como as *Lemuria*, realizados em maio, destinada a apaziguar os *lemures*,⁹ que espreitavam em volta da casa. Os funerais também chegaram a formar verdadeiros espetáculos, com músicas, odores diversos reunindo diferentes membros de uma mesma sociedade, quando os antepassados falecidos eram personificados através das *imagines maiorum*, máscaras funerárias.¹⁰ Um incontestável impacto sensorial em que até o paladar estava presente nos banquetes fúnebres. Quando nos remetemos ao pós-vida, a polissemia parece se destacar mais. Podemos demonstrar diversas visões sobre o pós-vida. Contudo, é impossível contabilizar quantas pessoas acreditavam nele e em que exatamente acreditavam.

As crenças romanas sobre o pós-vida eram variadas e iam desde a ideia de que a morte era um final completo até uma bem desenvolvida geografia de um mundo dos mortos. Grandes filósofos e escritores debateram sobre a alma humana e seu destino ou existência após a morte sem alcançar qualquer consenso.¹¹ Na religião romana tradicional não havia promessas ou respostas definitivas (em comparação com algumas religiões monoteístas existentes em nossa sociedade contemporânea). Porém, os vivos deram graças aos mortos que os precederam, mesmo sem ter certeza se eles foram para “algum lugar”.

⁷ Plínio, o Velho (25.7), diz que “todo homem acredita que a doença em particular da qual está sofrendo é a mais atroz. No entanto, a experiência do tempo chegou à conclusão de que os tormentos mais agonizantes são causados cálculos na bexiga, a seguir vem as doenças estomacais e depois as dores de cabeça. Nesses casos e não em outros, descobrimos que os pacientes são tentados a cometer suicídio.” (Tradução minha).

⁸ Monumentos, túmulos, epitáfios e mesmo os testamentos garantiam certo tipo de imortalidade, onde a preocupação era ser lembrado em vida, uma imortalidade garantida pela fama, e não em uma preparação para uma vida póstuma - um futuro incerto.

⁹ Fantasmas famintos e sem família (TOYNBEE, 1996, p. 64)

¹⁰ “As *imagines* desempenharam uma função fundamental ao tornar uma família bem conhecida e manter seus sucessos passados vivos nas mentes dos cidadãos comuns. Eram lembretes visuais poderosos, apresentados em um funeral como ancestrais vivos que ocupavam seu mais alto cargo, ou quando associados a uma tabulação de conquistas passadas e sucessos eleitorais no átrio. A *imago* de um homem era sua recompensa final por alcançar um alto cargo e, portanto, parte do objetivo de um aristocrata; as *imagines* de seus ancestrais serviam como um meio para ele alcançar esse objetivo”. (FLOWER, 1996, p. 63-64)

¹¹ Vide as discussões nas obras ciceronianas não somente sobre a alma, a morte, como a própria natureza dos Deuses.

No *De Legibus*, tratado sobre uma idealização de leis ideais fundamentadas no direito natural, Cícero diz que a alma é um dom divino e diferente das frágeis coisas mortais, fazendo de nós descendentes e dependentes dos deuses,

Solum est enim ex tot animatum generibus atque naturis particeps rationis et cogitationis. [...] Est igitur, quoniam nihil est ratione melius, eaque <est> et in homine et in deo, prima homini cum deo rationis societas. Inter quos autem ratio, inter eosdem eriam recta ratio [et] communis est: quae cum sit lex. (Cic. Leg. 1.22-23)

[...]o único, entre todas as espécies, que tem acesso a razão [...] se observa que não há nada superior a razão e que esta se encontra tanto no homem quanto em Deus. [...] Mas, os que possuem razão comum, devem também possuir a razão justa. Esta não é outra coisa senão a lei. (BRITO, 1967)

As *Tusculanas* foram escritas quando Cícero, além da fragilidade política vivenciada sob a ditadura de César, se encontrava em um período delicado no âmbito pessoal que envolvia o término de seu casamento de 30 anos com Terência e o luto recente pela morte de sua filha, Túlia. Nesse momento, após as diversas tentativas frustradas de suavizar sua dor através da literatura ou das cartas de amigos, Cícero construiu seu próprio alívio (*Consolatio*). É interessante notar que, nas *Tusculanas*, ele não mencione em lugar algum de modo explícito a morte de Túlia, ainda que retrate questões relativas à morte e à alma. Entretanto, faz referências a *Consolatio* aludindo de maneira indireta, desse modo, a filha. Walter Englert observa que “ele parece ter atingido um novo estágio ao lidar com a morte de sua filha, que ele não conseguiu alcançar quando escreveu o *Consolatio*” (ENGLERT, 2017, p. 54). Alan Edward Douglas sugere que este estágio seria uma espécie de “médico da alma tentando se curar” (DOUGLAS, 2002, p. 214).

Entre as obras ciceronianas, o formato literário das *Tusculanas* é peculiar, fugindo ao lugar comum, no que tange a padrões, que identificamos em outras. Muitos autores modernos a identificam como pouco inspirada e superficial, um projeto escrito apressadamente e sem uma posição adequada no cenário de seu conjunto literário. Os livros das *Tusculanas* apresentam, sob um olhar breve e superficial, certa pobreza cênica quando contrastamos com outros trabalhos do próprio autor. Douglas, grande estudioso do assunto, já cogitou que a estrutura dessa produção pode ter ocorrido até como um desejo do autor na busca de uma variedade estilística, mas alertando que é impossível fazer qualquer afirmativa categórica (DOUGLAS, 2015, p. 7). O caráter inusitado do trabalho já é identificável em seu título, onde Cícero não inseriu o nome de seu protagonista, o assunto discutido na obra ou a combinação de ambos. As informações que

temos são a localização (sua casa de campo em Tusculum) e o gênero literário (*disputatio*). Sobre isso, Ingo Gildenhard menciona que Cícero, ao referir-se à ação das Tusculanas, utiliza quatro marcadores diferentes: *disputatio*,¹² *schola*,¹³ *senilem declamationem*¹⁴ e *sermo*. Os termos possuem, com exceção de *sermo*, uma conotação um pouco pejorativa.

Destacamos, também, que as Tusculanas não seguem o modelo de discussão filosófica entre ele e outros interlocutores nomeados, como *De Legibus*; ou na posição de observador de um debate, mas as personagens mencionadas são figuras ilustres contemporâneas ao autor, conforme *De Natura Deorum*; tampouco é uma conversa consigo mesmo tal a *Consolatio*. Em todos os seus diálogos, as personagens escolhidas eram oradores ilustres e influentes no mundo político e literário. O discurso de autoridade é facilmente identificável como meio de conceder peso aos seus textos e ideias. Também, em alguns casos, uma forma de prestar homenagem aos velhos *optimates*, denotando sua posição conservadora (GRIFFIN, 1997). Essas apropriações das brilhantes personagens da nobreza romana foram utilizadas para sua própria inserção na elite política. Como *homo novus*, Cícero enaltecia os grandes homens de outros tempos criando a aparência de que, como ancestrais do povo romano, também compunham sua ancestralidade. Na definição de Catherine Steel, “a redação dos tratados é uma maneira pela qual Cícero pode compensar sua falta de prestigiosos antepassados biológicos” (STEEL, 2005, p. 108). Para as personagens das Tusculanas, ao contrário, não existem quaisquer indicações concretas, seja da personagem principal ou de seu interlocutor (ou interlocutores). Apesar da informação de ter recebido diversos amigos ilustres e de que as discussões ocorreram cercadas por amigos e familiares, todas as personagens são entregues ao anonimato.

¹² “A disputa não deixa de ressoar com conotação estrangeira (...) uma disputa sobre a doutrina filosófica era um tipo de discurso grego e, como tal, incomensurável com o status social de um aristocrata romano.” (GILDENHARD, 2007, p. 9)

¹³ Se a disputa remete aos gregos, as *scholae* são uma comparação clara quase como se Cícero fosse grego. Porém, em outras obras, o próprio autor ao referenciar as *scholae* consideravam-nas de forma desdenhosa, relacionando-as aqueles que fracassaram ou não desejavam seguir a carreira pública. Dessa forma, fugindo do espaço público, eram considerados covardes, malvistas por seus pares romanos e decepcionando a comunidade ao fugir das obrigações. (GILDENHARD, 2007, p. 12 – 15)

¹⁴ “*declamatio* é um termo de qualidade duvidosa. Segundo, o gênero é totalmente inadequado para a busca da filosofia – execuções formais ao falar podem ser a preparação ideal para lidar com casos em um tribunal, mas não combinam bem com a busca pela sabedoria. Terceiro, há o adjetivo *senilis*. Um *senex* romano, especialmente se ele fosse, como Cícero, um consular, não deveria ocultar seu tempo fazendo pórticos de sua villa soarem, na tentativa vã de aprimorar suas habilidades em palestras e declamações. Deveria exercitar sua *auctoritas* na administração do Estado, fornecendo um conselho sábio e judicioso.” (GILDENHARD, 2007, p. 16)

Embora não haja registros de que Cícero tenha identificado seus interlocutores, na Antiguidade tardia as letras **M** e **A** começaram a ser utilizadas para distingui-los.

É consensual assumir o papel de protagonista como sendo o próprio Cícero. Por outro lado, existe uma discussão maior sobre quem seria a personagem secundária – ou se haveria mais de um interlocutor que dialogue com o orador principal. Entre as teorias mais comuns sobre o papel secundário, temos: *Ático*, a mais improvável; *Auditor* ou *Adulescens*.¹⁵ Cícero seria representado como Marco ou *Magister* (GILDENHARD, 2007, p. 28).

Cícero se presta à figura do professor/mestre, *magister*, e diversas passagens corroboram esse papel assumido. No *De Divinatione* (2.1), ele declara o ensino da filosofia como o meio de ser útil à República. Porém, talvez fique mais clara essa ideia em um fragmento do texto que aparece pouco depois, e diz:

Quod enim munus rei publicae adferre maius meliusve possumus, quam si docemus atque erudimus iuventutem, his praesertim moribus atque temporibus, quibus ita prolapsa est, ut omnium opibus refrenanda ac coercenda sit? Nec vero id effici posse confido, quod ne postulandum quidem est, ut omnes adolescentes se ad haec studia convertant. Pauci utinam! Quorum tamen in re publica late patere poterit indústria. (Cic. Div. 2.2)

Pois que benefício maior ou melhor podemos dar à República do que ensinarmos e instruímos a juventude? Sobretudo nestes tempos e costumes, em que está corrompida a tal ponto que deve ser contida e corrigida com a ajuda de todos. Na verdade, não espero que possa ser feito o que nem mesmo se deve exigir: que todos os jovens se convertam a esses estudos. Permitam os deuses que uns poucos! Contudo, o empenho desses poderá manifestar-se largamente na República. (GRATII, 2010)

Cícero já havia relatado a aspiração¹⁶ de ocupar sua vida como professor poucos anos antes da criação de obras como as *Tusculanas* e *Sobre a Divinação*. Em uma carta datada de 46 A.E.C., para Lucio Papirio Paeto, ele diz:

Cum essem otiosus in Tusculano, propterea quod discipulos obviam miseram ut eadem me quam máxime conciliarent familiar suo, accepi tuas litteras plenissimas suavitatis; ex quibus intellexi probari tibi meum consilium, quod, sic ego sublatis iudiciis, amisso regno forensi ludum quase habere coeperim. Quid quaeris? Me quoque delectat consilium; multa enim consequor. (Cic. Fam. 9.18)

¹⁵ O termo vago faz referência ao amplo momento de vida de um jovem romano desde que veste a *toga virilis* até antes de se qualificar para um cargo público.

¹⁶ Existem diversos indícios que as falas de Cícero relacionadas a ocupação de magistério são plenas de ironias, cujo objetivo era criticar os rumos da “República” sob César. (GILDENHARD, 2007)

Enquanto eu estava desocupado na minha casa em Tusculum, porque eu tinha enviado meus alunos para encontrá-lo, para que eles pudessem me apresentar da maneira mais favorável possível ao amigo deles, recebi sua carta mais encantadora, da qual soube que aprovou minha decisão – agora que os tribunais foram abolidos e minha antiga supremacia no fórum está perdida. O que posso dizer? Também estou encantado com a ideia, pois garanto muitos benefícios. (Tradução minha)

Nas *Tusculanas*, Cícero personifica o docente que dá aulas de oratória pela manhã e de filosofia à tarde, seguindo o modelo de seu próprio mestre, Philo (Cic. *Tusc.* 2.9). Além da autodefinição do autor, também é válido destacar a relação entre as personagens, que corrobora com os termos que as identificam, isto é, toda estrutura do texto, o modo como as personagens apresentam suas respectivas falas e mesmo o espaço ocupado por essas falas no texto sugerem haver uma hierarquia entre as personagens, como mestre e aprendiz. Por exemplo, o jovem parceiro de diálogo de Cícero apresenta, no início da obra, certa confiança em um sistema de crenças. Nosso orador inicia com um processo de inquirição socrática – buscando o máximo de informações sobre as convicções do outro. Após, discute inúmeros vieses sobre o assunto, guiando o raciocínio de seu interlocutor até o momento no qual este rompe com suas “doutrinas dogmáticas”. Essa ênfase no ensino é particularmente forte nos livros 1 e 2, contribuindo com a ausência de um interlocutor para Cícero, pois o papel de aluno transmite uma imagem de submissão que não seria honroso para nenhum aristocrata romano (GILDENHARD, 2007, p. 70) - apesar de não ser a primeira obra com caráter didático, ver, e.g. *Orator*.¹⁷ Entre os livros 3 e 5 esse caráter didático não é perceptível. Essa mudança no perfil do intérprete secundário – como alguém que foi instruído e, gradativamente, deixa o espaço de aprendiz – também corrobora para analisarmos as personagens anônimas a partir da relação professor-aluno.

Ainda que não seja explícita a identidade do interlocutor de Cícero, na própria obra podemos observar os vestígios que Gildenhard, brilhantemente, resume como “um *adulescens* romano pronto para iniciar a carreira política; com bom domínio de grego, ávido leitor de Platão e que assistiu palestras de vários filósofos em Atenas” (GILDENHARD, 2007, p. 70). De fato, o jovem do diálogo comumente utiliza pronomes

¹⁷ Na obra, porém, Cícero tenta camuflar indicando que seu propósito não era instrutivo. “Vamos deixar claro a força e a essência do assunto em questão, ou seja, a eloquência. No entanto, lembremo-nos do que já disse antes, a saber, que não falarei para ensinar.” (Cic. *Orat.* 112)

e conjugações verbais no singular. Contudo, se o espaço de fala ficou restrito a somente um jovem, algumas passagens nos levam a crer que este não estava sozinho.¹⁸

Perpassando a breve análise estrutural do texto e as suas problemáticas – o tipo de discurso, a identidade das personagens, a posição no conjunto das obras de Cícero – fica perceptível não se tratar de inadequação do autor. Ao contrário, podemos observar que foi um processo intencional, coerente dentro de sua proposta, fazendo parte de sua mensagem – como destacado no *De Divinatione*. Dito isto, proponho adentrar no livro I das *Tusculanas*, uma obra com estilo de discurso deliberativo, onde Cícero discute o tema da morte como um mal. A premissa essencial (*thesis*) é não somente negar a morte e os mortos como míseros (*miseri*), mas antes ver morte como um bem.

No Proêmio, Cícero exalta a superioridade dos romanos sobre os gregos em diversos âmbitos: nas tradições (*mos maiorum*)¹⁹, leis e na organização pública dos antepassados, nos assuntos militares, na lealdade e em toda espécie de virtude. A literatura superior dos gregos era explicada na existência de seus pontos antes mesmo da fundação de Roma. Na oratória, os romanos não deviam nada aos gregos. A construção de sua filosofia latina aparentava um dever patriótico, a forma de permanecer sendo útil aos seus pares, considerando a falência da República. Sob a pena de Cícero, essa filosofia, diferenciando de um exercício de observação do próprio indivíduo, se tornou um programa de instrução cívica, isto é, o que ele ensinava era de relevância política, uma espécie de ética prática capacitando o discípulo tanto a sobreviver à tirania em vigor quanto ao governo de uma república livre.

O enredo tem início com o aprendiz afirmando ver a morte como um mal. Assim, Marco²⁰ começa a interpelar seu aluno e expressa – fazendo uso do *argumentum ad consequentiam* – que, a partir desse pressuposto, todos estamos fadados à miséria, “pois, se declarares míseros somente aqueles que deverão morrer, não excluirias a ninguém, daqueles que estão vivos, pois todos devem morrer”.²¹ Depois, a persuasão pode ser observada a partir do argumento patético, quando Marco questiona, de forma satírica, se o medo estaria relacionado às crenças gregas sobre o Hades, como o Cérbero. O jovem

¹⁸ *Nos ad audientum parati sumus* – Nós estamos prontos para ouvir. (Cic. *Tusc.* 1.17)

¹⁹ A ideia do *mos maiorum*, um verdadeiro código social e político com base em os “costumes dos antepassados”, foi sendo construída ao longo dos séculos II e I a.C. estimulando “mudanças na cultura e no pensamento operados pelo espírito crítico e estimulado pelo contato da elite romana com as escolas filosóficas helenísticas” (EICHLER, 2015, p. 97),

²⁰ Utilizamos essa forma em referência a letra M

²¹ *Nam si solos eos diceres miseros quibus moriendum esset, neminem tu quidem eorum qui viverent exciperes, moriendum est enim omnibus.* (Cic. *Tusc.* 1.9)

nega crer, e diz: “até onde pensas que estou delirando ao crer que essas coisas existem?”.²² Este fragmento demonstra o viés da superioridade cultural romana relegando às crenças gregas uma concepção de *supertitio*,²³ ratificando a rivalidade cultural Roma-Grécia.

O jovem romano, em seguida, demonstra não crer na existência de algo posterior à morte. A trama prossegue até o momento em que o orador convence seu pupilo que para ser mísero é preciso existir. Este assume, então, o fim da existência – a morte – como algo miserável ainda que os mortos não o sejam, pois não existem. Marco rapidamente o questiona, dizendo:

M. Ecquid ergo intellegis, quantum mali de humana condicione deieceris? A. Quonam modo? M. Quia, si mors etiam mortuis miserum esset, infinitum quoddam et sempiternum malum haberemus in vita; nunc video calcem, ad quam cum sit decursum, nihil sit praterea (Cic. Tusc. 1.15)

M. Portanto, o que entendes ao despejar tanto mal sobre a condição humana? **A.** Mas como? **M.** Porque, se a morte fosse um mísero mal também para os mortos, teríamos certo mal infinito e eterno na vida; agora vejo o fim da carreira, em cuja chegada nada mais há para se temer.²⁴

Marco utiliza, novamente, relações lógicas e do *argumentum ad consequentiam* – se a morte é para todos e é miserável, logo estamos todos fadados a miséria, ainda que não sejamos míseros, pois se não existimos, nada podemos ser – e nitidamente critica o quadro político que vivencia com o fim de sua carreira pública – um momento mais desolador que a morte. Portanto, se a vida se torna mais desagradável que a probabilidade do nada, falecer perde sua carga negativa. Seu discípulo então lhe diz: “Visto que me forçaste a conceder que não são míseros os que tivessem morrido, faze, se puderes, com que eu não considere mísero sequer o ter de morrer”.²⁵ Posteriormente, Marco pontua diversas visões sobre algum tipo de continuidade após a morte e a natureza da alma²⁶ fazendo uso de diferentes tipos de argumento em sua narrativa. Por exemplo, diz Cícero,

²² *Adeone me deliare censes, ut ista esse credam?* (Cic. Tusc. 1.10)

²³ “O ideal cívico da piedade foi considerado honrar os deuses enquanto preservava a liberdade de alguém – isto é, com restrição e medida. Assim, os supersticiosos deveriam se submeter a rituais exagerados, aderir de maneira crédula às profecias e permitir-se serem abusados pelos charlatães.”. Disponível em: <https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-6150>

²⁴ As traduções das Tusculanas presentes nesse artigo tiveram por base o livro de Bassetto (2014). Porém, as marcações das personagens seguiram a proposição de King (1945).

²⁵ *Quoniam coegisti, ut concederem, qui mortui essent, eos míseros non esse, perfice, si potes, ut ne morieendum quidem esse miserum putem.* (Cic. Tusc. 1.15)

²⁶ Muitos são os vocábulos utilizados para referenciar a alma: *cor* (coração), *sanguis* (sangue) *cerebrum* (cérebro), *spiritus* (sopro/vento), *anima* (animo/animado), *ignis* (fogo), *mens* (mente), *harmonia* (harmonia)

M. Aristoteles, longe omnibus Platonem semper excipio praestans et ingenio et diligentia, cum quattuor nota illa genera principiorum esset complexus, e quibus omnia orerentur, quintam quandam naturam censet esse, e qua sit mens; [...] Nisi quae me forte fugiunt, haec sunt fere de animo sententiae. Democritum enim, Magnum illum quidem virum, sed levibus et rotundis corpusculis efficientem animum concursu quodam fortuito, omittamus; nihil est enim apud istos, quod non atomorum turba conficiat. (Cic. Tusc. 1.22)

M. Aristóteles, muito superior a todos – sempre excluo Platão – tanto em inteligência como em precisão, logo que abraçou aquelas quatro conhecidas espécies de princípios, dos quais tudo se originaria, considera existir uma quinta natureza, da qual provém a mente [...]. A não ser que algo talvez me escape, essas afirmações se referem a alma (*animo*). Deixemos de lado, porém, a Demócrito, aquele grande homem sem dúvida, mas que fez o espírito consistir em minúsculos corpos redondos em encontro ocasional; entre esses, porém, nada existe que a multidão dos átomos não faça.

Este trecho é o último de uma sequência de cinco parágrafos em que o autor aborda a sobrevivência ou a não existência da alma, e sua possível natureza. No início do parágrafo é possível observar o argumento ético *ad verecundiam*, no qual a autoridade é Aristóteles (e mais ainda Platão). Logo abaixo, o autor analisa de modo breve a teoria atômica de Demócrito, linha que os epicuristas seguiram, e propõe deixar de lado qualquer discussão sobre essa abordagem. Aqui podemos observar o argumento de oposição ao contrastar o filósofo “superior a todos” e a teoria dos epicuristas – exaltando muito o autor de uma e recusando abordagem da outra. Em outro caso, mais a frente, a figura de Platão permanece como autoridade. Vejamos:

M, Platonem ferunt, ut Pythagoreos cognosceret, in Italiam venisse et didicisse Pythagorea omnia primumque de animorum aeternitate, non solum sensisse idem quod Pythagoram, sed ratione metiam attulisse. Quam, nisi quid dicis, praetermittamus est han totam spem immortalitatis relinquamus. A. An tu cum me in summam expectationem adduxeris, deseris? Errare mehercule malo cum Platone, quem tu quanti facias scio et quem ex tuo ore admiror, quam cum istis vera sentire. M. Macte virtute! Ego enim ipse cum eodem ipso non invitus erraverim. (Cic. Tusc. 1.39-40)

M. Conta-se que Platão teria vindo à Itália para conhecer os pitagóricos e teria aprendido tudo deles e, em primeiro lugar, a respeito da eternidade dos espíritos e não apenas teria pensado o mesmo que Pitágoras, mas teria também trazido uma prova. Deixemos isso de lado, se não dizes algo, e abandonemos toda essa esperança de imortalidade.

musical/ movimento) – faz analogia ao som produzido no movimento das cordas. Em muitos casos se confunde a alma com sua natureza ou localização. Cícero assume os termos *animum/animus* como o apropriado na definição da alma por si. (Cic. Tusc. 1.19; 1.24)

A. Então tu me deixas, depois que me levaste a uma expectativa máxima? Por Hércules, prefiro errar com Platão, a quem sei o quanto aprecias e a quem admiro por tua boca, do que experimentar com aqueles as coisas verdadeiras **M.** Muito bem! Pois eu próprio, não contrafeito, teria errado na companhia do mesmo.

Nesse trecho observa-se que a personagem Marco interage com seu aprendiz que prontamente demonstra seu interesse na continuidade. Aqui, errar com Platão ilustra sua autoridade. Se esta maleabilidade – desejar ou não ouvir mais – sobre Platão foi permitida ao interlocutor, o mesmo não ocorre em outras teorias: a não existência de Dicearco e o atomismo dos epicuristas são desprezados:

M. Dicaearchum vero cum Aristoxeno aequali et condiscípulo suo, doctos sane homines, omittamus; quórum alter ne condoluisset quidem umquam videtur, qui animum se habere non sentiat, alter ita delectatur suis cantibus, ut eos etiam ad haec transfere conetur. [...] Illam vero funditus eiciamus individuorum corporum levium et rutundorum concursiónem fortuitam, quam tamen Democritus concalectam et spirabilem, id est animale. (Cic. Tusc. 1.41-42)

M. Omitamos, porém, Dicearco com Aristoxeno, seu contemporâneo e condiscípulo, homens sem dúvida sábios; um dos quais parece nem sequer ter de fato sofrido muito, de modo a não sentir que tenha um espírito; o outro sentia tanto prazer em seus cantos que tentava transferi-los também para esse tema. [...] Deixemos completamente fora aquele embate ocasional dos corpos individuais, leves e redondos, que Demócrito quer que exista muito aquecido e respirável, isto é, animado.

Cícero combinou o argumento por oposição e de autoridade e outra vez exclui de forma mais veemente a visão epicurista. Apesar das divergências, Marco afirma “na verdade não desprezo, mas ignoro sob que aspecto alguém bem instruído os menospreze”.²⁷ O discurso de autoridade não se restringe à figura de Platão. Entre os parágrafos 27 e 32 esse tipo de argumento foi o escolhido pelo orador a fim de afirmar a imortalidade da alma: as leis, as religiões, as tradições, os grandes homens divinizados – como Rômulo e Hércules –,²⁸ aqueles que lutaram (e morreram) pelo bem da República. Suas exposições trazem o passado nostálgico e grandioso de uma república livre. Marco destaca a próprio natureza como o maior argumento e acrescenta:

M. Quodsi omnium consensus naturae vox est, omnesque qui ubique sunt consentiunt esse aliquid, quod ad eos pertineat qui vita cesserint, nobis quoque idem existimandum est. (Cic. Tusc. 1.35)

²⁷ [...] *epicureorum, quos equidem non descipio, sed nescio quo modo doctissimus quisque contemnit.*

²⁸ Hercules, apesar de ser grego, é utilizado para legitimar a imortalidade da alma como algo que ultrapassa a cultura romana, comum a “religião de todos” – *religione omnium*. (Cic. Tusc. 1.32)

M. Mas se o consenso de todos é a voz da natureza, e todos, onde quer que estejam, estão de acordo que existe algo, que pertence àqueles que deixaram de viver, também a nós convém pensar a mesma coisa

As preocupações naturais e legítimas dos homens com o futuro, e por isso plantam árvores para outros colherem frutos, e “semeiam leis, instituições e a coisa pública” para outros aproveitarem a ordem e a liberdade – penso que podemos transpor a concepção de semeadura como o papel de Cícero na educação visando uma República idealizada (pelo orador) feita pelos melhores quando a “tirania cesarista” perfizesse. Outro tipo de argumento que Marco utilizou muito nas *Tusculanas* foi o *ad populum*. Além da natureza e a divinização de figuras ilustres como parte da religião de todos, a crença nos deuses e nas leis da natureza também é comum a todos os povos. Vejamos o que Marco nos diz:

M. Ut porro firmissimum hoc adferri videtur cur deos esse credamus, quod nulla gens tam fera, nemo omnium tam sit inmanis, cuius mentem non imbuerit deorum opinio (omnes tamen esse vim et naturam divinam arbitrantur, omni autem in re consensu omnium gentium lex naturae putanda est). (Cic. Tusc. 1.30)

M. Parece apresentar isso como certíssimo, que criamos que os deuses existem, porque não existe nenhum povo tão selvagem, ninguém dentre todos que seja tão vazio, cuja mente não tenha sido impregnada pela noção dos deuses (todos pensam que existem a força e a natureza divinas, mas em qualquer assunto, o consenso de todos os povos deve levar em conta a lei da natureza)

Penso ser possível constatar o entimema estabelecendo uma relação entre a existência dos deuses e a crença na imortalidade da alma pautada na natureza, no consenso de todos, nas tradições, preocupações, reações, na *pietas*. Estabelecido, pela natureza e pela razão, que os espíritos existem e a sua essência, Marco tenta determinar *qua in sede maneat*.²⁹ Sobre esse assunto são abertas três discussões: em qual parte do corpo encontramos a alma? Após libertar-se, qual será sua morada? O caminho diferente que a alma seguirá conforme as ações dos homens em vida – este último envolve uma concepção de moralidade política, entre homens corrompidos, entregue a vícios, que investiram contra o Estado, e aqueles que lutaram para defender a ordem e o bem da República, privilegiando o interesse de todos sobre os individuais. Destaco, por fim, um fragmento ao final do primeiro livro que nos dá o desfecho da discussão:

²⁹ Em que lugar ficam (Cic. *Tusc.* 1.36)

Nam si supremus ille dies non extinctionem, sed commutationem adfert loci, quid optabilius? Sin autem perimit ac delet omnino, quid Melius quam in mediis vitae laboribus obdormiscere et ita coniventem somno consopiri sempiterno? (Cic. Tusc. 1.117)

Se aquele dia supremo traz não a extinção, mas a mudança de lugar, o que mais desejável? Se ao contrário simplesmente aniquila e apaga, o que melhor do que adormecer entre os trabalhos da vida e desse modo, de olhos fechados, dormir em sono eterno?

As Tusculanas demonstram ser uma obra bem mais complexa que o olhar primário é capaz de atentar. Um trabalho repleto de ironias, críticas ao modelo político que Roma enfrentava, além dos conflitos ético-morais – confundindo muito de seus leitores modernos. Discussões que vão além das questões da morte, imortalidade, natureza e destino da alma; dor; luto. Estas, todavia, são tão importantes quanto as informações das entrelinhas. Nossa breve análise nos permite inferir que Cícero não propõe uma verdade sobre o que acontece com a alma, ainda que, na busca da verossimilhança, dê indícios de sua opinião pessoal. Contudo, utilizando a arte retórica, ele responde e persuade não somente seu interlocutor, mas seu auditório com o *argumentum a complexio*, criando um falso dilema de modo a não ver a morte como algo miserável, mas antes ver a morte como um bem.

Documentação textual

CICERO. *Tusculan Disputations*. Traduzido por J. E. King. London: Harvard University Press, 1945.

CICERO. *Discussões Tusculanas*. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Uberlândia: EDUFU, 2014.

CICERO. *Das Leis*. Tradução Otavio Brito. São Paulo: Cultrix, 1967.

CICERO. *Las Leyes*. Chantal López y Omar Cortés. Primera edición cibernética, 2003.

Bibliografia

ANDERSON, J.; GILLIES, A.; LOCK, L.C. Pan Thanatology. *Current Biology*. V. 20. Ed. 8. 2010: R349 – R351. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0960982210001454>

AUVRAY-ASSAYAS, C. *Cícero*. São Paulo: Estações Liberdade, 2018.

BELTRÃO, C. O *vir bonus* e a *prudencia civilis* em Marco Túlio Cícero. In: ARAÚJO, S.R.R.; BELTRÃO, C.; JOLY, F.D. (orgs.) *Intelectuais, Poder e Política na Roma Antiga*. Rio de Janeiro: Nau: FAPERJ, 2010: 21 – 62.

CORBEILL, A. Rhetorical Education in Cicero's Youth. In: MAY, J.M. *Brill's Companion to Cicero Oratory and Rhetoric*. Leiden: Brill, 2002: 23-48.

- DOUGLAS, A.E. *Cicero: Tusculan Disputations II and V*. Liverpool University Press: Aris & Phillips Classical Texts, 2015.
- DOUGLAS, A.E. Form and Content in the Tusculan Disputations. In: POWELL, J.G.F. (ed.) *Cicero the Philosopher: Twelve Papers*. Oxford: Clarendon Press, 2002: 197-218.
- EICHLER, M. Um Estudo da Recepção do Epicurismo pela Elite Romana do Século I AEC: Alguns Problemas e Revisão Crítica. *Dossiê História e Representações da Antiguidade. Revista Cantareira* 22. 2015: 95 - 104.
- ENGLERT, W. Fanum and Philosophy: Cicero and the Death of Tullia. *Ciceroniana Online*. V.1, N.1 2017: 41 – 66.
- FLOWER, H. I. *Ancestor Mask and Aristocratic Power in Roman Culture*. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- GILDENHARD, I. *Paideia romana. Cicero's 'Tusculans Disputations'*. Cambridge: The Cambridge Philological Society, 2007.
- GRATTI, B. R. *Sobre a adivinhação de Marco Túlio Cícero*. Campinas, SP: [s.n.], 2010.
- GRIFFIN, M. The composition of the *Academica*. Motives and Versions. In: INWOOD, B.; MANSFELD, J. (ed.). *Assent & Argument. Studies in Cicero's "Academic Books"*. Leiden: Brill, 1997, p. 1-27.
- KELLEHEAR, A. *Uma História Social do Morrer*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- MAY, J.M. *Brill's Companion to Cicero Oratory and Rhetoric*. Leiden: Brill, 2002.
- MOATTI, C. *La raison de Rome. Naissance de l'esprit critique à la fin de la République*. Paris: Éd. du Seuil, 1997.
- PINA POLO, F. *La Crisis de la República (133-44 a.C.)*. Madrid: Editorial Síntesis, 1999.
- POWELL, J.G.F. *Cicero the Philosopher: Twelve Papers*. Oxford: Clarendon Press, 2002.
- SCATOLIN, A. *A Invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. São Paulo, 2009.
- STEEL, C.E.W. *Cicero, Rhetoric and Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- STEEL, C. *Reading Cicero*. London: Duckworth, 2005.
- TOYNBEE, J.M.C. *Death and Burial in the Roman World*. The Johns Hopkins University Press, 1996.